

Para uma Morfologia Urbana dos Musseques: relações entre sistema habitacional, unidade morfológica e rua

Ângela de Branco Lima Mingas 

Universidade Lusíada de Angola, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Departamento de Arquitectura,
Luanda, Angola.

E-mail: angelamingas@arquiary.archi

<https://doi.org/10.47235/rmu.v14i1.542>

Olhar para o Musseque a partir da Morfologia Urbana

No âmbito da Morfologia Urbana, os Musseques de Luanda¹ permanecem relativamente pouco explorados enquanto objectos de conhecimento da forma da cidade, apesar da sua relevância nos processos de formação, expansão e transformação urbana. O problema não reside apenas na exiguidade dos estudos, mas também na adequação dos instrumentos conceptuais utilizados para interpretar tecidos produzidos segundo processos distintos daqueles que fundamentaram grande parte da tradição disciplinar.

A forma urbana pode ser entendida como o “modo como se organizam os elementos morfológicos que constituem e definem o espaço urbano”, considerando aspectos funcionais, quantitativos, qualitativos e figurativos (Lamas, 2004, p.44). Quando categorias como parcelário, quarteirão, praça ou hierarquia viária são aplicadas aos Musseques, porém, nem sempre encontram correspondência directa. Tal facto não significa ausência de organização espacial, mas coloca a necessidade de reconhecer os elementos e processos que efectivamente estruturam estes territórios.

A investigação desenvolvida no âmbito da tese de doutoramento sobre os signos espaciais dos Musseques de Luanda (Mingas, 2024) partiu desta inquietação. Implantados na antiga zona rural que constituía a cintura verde da cidade (Correia, 2018), estes territórios apresentam tecidos predominantemente habitacionais resultantes de sucessivos processos de ocupação, densificação e transformação.

A análise da Calemba, Catambor, Mulemba e Mota (Figura 1), através da adaptação da metodologia de decomposição sistémica e elementar da forma urbana, revelou correspondências com algumas categorias estabelecidas e a necessidade de reinterpretar outras. O sítio e o tecido urbano permanecem reconhecíveis, enquanto o parcelário e as malhas de composição não encontram correspondência directa. Progressivamente, os sistemas habitacionais, acessos interiores, Unidades Morfológicas e ruas perimetrais emergiram como elementos relevantes para a interpretação destes tecidos.

Os quatro casos permitem, assim, interrogar a sequência através da qual habitualmente se interpreta a produção da forma urbana: o que acontece às categorias da Morfologia Urbana quando a rua não antecede a ocupação, mas resulta dela?

Do sistema habitacional à Unidade Morfológica

A decomposição dos tecidos dos Musseques revelou uma organização que não encontra correspondência directa com a sequência rua–parcela–edifício–quarteirão. A leitura dos elementos urbanos proposta por Coelho (2013) e a importância atribuída por Muratori (1959) ao tipo e à sua transformação oferecem instrumentos operativos para compreender a forma, mas a sua aplicação aos Musseques exige a adaptação das categorias ao objecto observado.

Neste processo, a habitação assume uma posição fundamental. Os edifícios não constituem apenas objectos isolados implantados sobre uma estrutura previamente definida, mas integram sistemas habitacionais resultantes de processos de ocupação,

proximidade, agregação e transformação. Redinha (1973), ao estudar a habitação tradicional angolana, identifica a casa-quintal como característica da habitação suburbana, recorrendo também aos Musseques de Luanda. Sem pressupor uma continuidade linear entre as formas por ele descritas e os Musseques contemporâneos, esta referência permite reconhecer historicamente a

importância da relação entre casa, espaço exterior e agregação habitacional.

A agregação dos sistemas habitacionais permitiu identificar conjuntos mais complexos, denominados Unidades Morfológicas (UM)². Estas unidades não resultam de operações urbanísticas prévias, mas da agregação dos sistemas habitacionais e das relações espaciais estabelecidas entre eles.

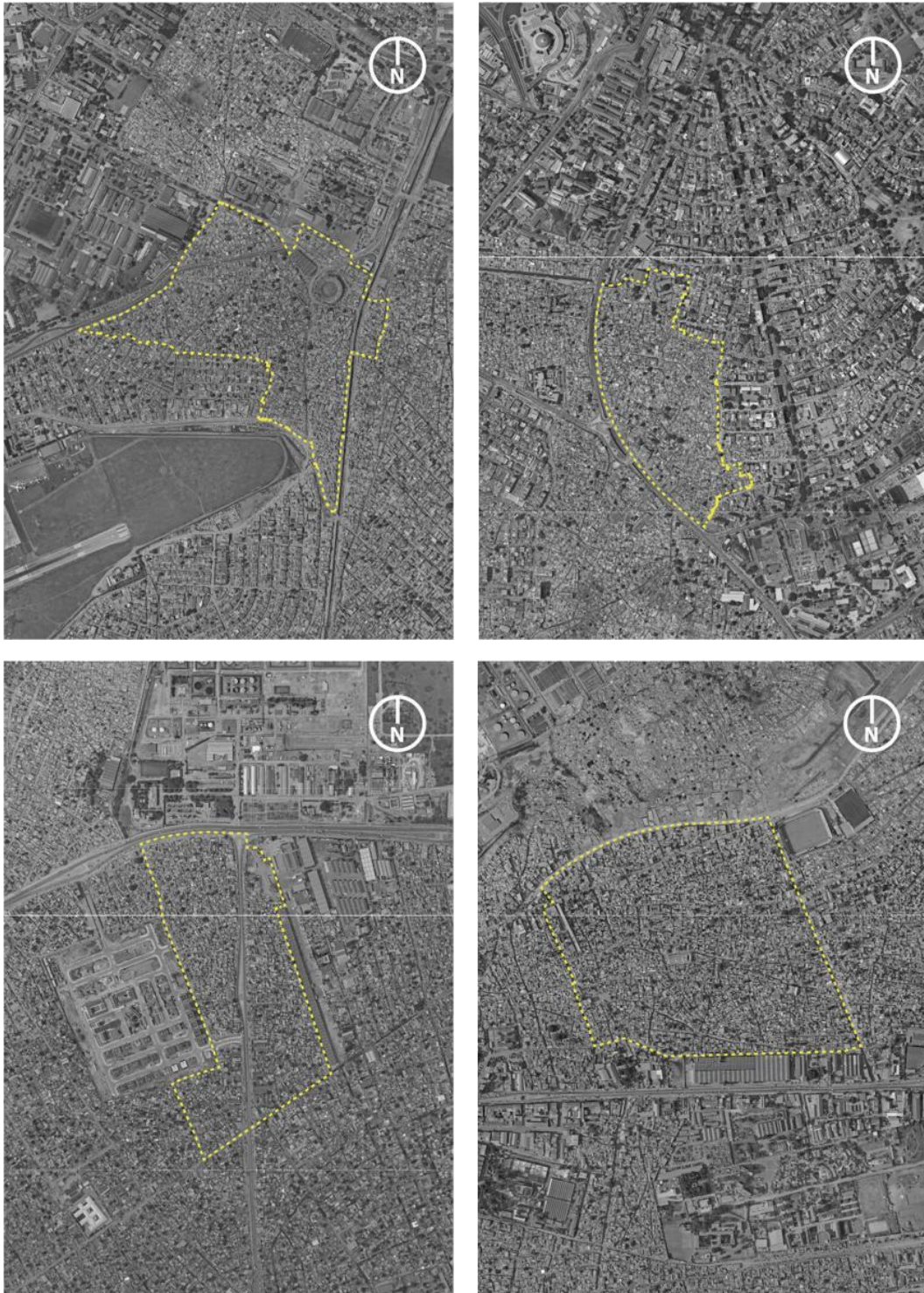


Figura 1. Musseques da Calemba, Catambor, Mulemba e Mota (fonte: Mingas, 2024)

A UM não constitui, portanto, uma versão irregular do quarteirão. Enquanto este é geralmente reconhecido pela sua relação com uma estrutura de ruas e um parcelário, a UM resulta da agregação dos sistemas habitacionais e do limite que esta produz, integrando corredores, logradouros e outros espaços de acesso. A habitação deixa, assim, de constituir apenas o elemento edificado de uma estrutura previamente definida e participa activamente na produção da forma urbana.

A sequência observada pode ser sintetizada como sistema habitacional → agregação → Unidade Morfológica → espaço intersticial. É a configuração destes espaços intersticiais que permite compreender o elemento seguinte: a rua perimetral (Mingas, 2024).

Quando a rua não antecede a casa

Para compreender como as Unidades Morfológicas condicionam a formação da rua, recorremos ao Catambor como caso de estudo (Figura 2). Numa perspectiva projectual, a rua é geralmente entendida como elemento estruturante da forma urbana. Para Lamas (2004), o traçado assenta num suporte geográfico preexistente, regula a disposição dos edifícios e quarteirões e estabelece ligações entre as diferentes partes da cidade. A rua participa, assim, numa intencionalidade de produção do espaço que antecede ou condiciona a implantação dos restantes elementos morfológicos.

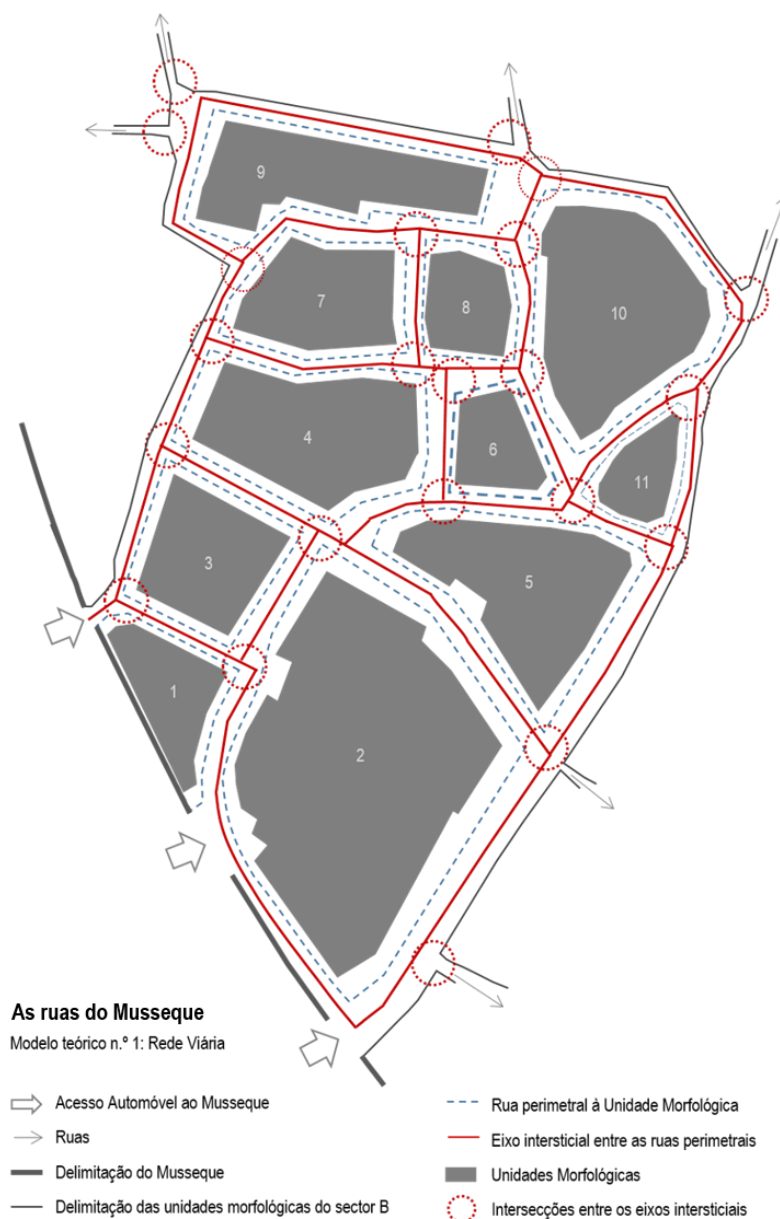


Figura 2. Modelo Teórico da Rede Viária (fonte: Mingas 2024)

No Catambor observa-se uma relação distinta. A rua não constitui necessariamente o elemento inicial a partir do qual se dispõem os sistemas habitacionais. A agregação e consolidação destes em Unidades Morfológicas estabelece limites e deixa entre as unidades espaços que progressivamente adquirem continuidade, conectividade e funções de circulação. A rua pode, neste sentido, ser interpretada como elemento não estruturante na sua génese, consequente do processo de ocupação e sedimentação do espaço habitacional, ainda que posteriormente desempenhe funções estruturantes no funcionamento do tecido.

Esta relação encontra antecedentes relevantes na história urbana africana. A partir de fontes históricas sobre Mbanza Kongo, Máximo (2016) descreve as zonas habitacionais do século XVIII como conjuntos delimitados por cercados cuja disposição configurava uma rede de ruas estreitas. Estas não eram definidas pelas casas, mas pelas estacas que delimitavam os espaços habitacionais. Sem estabelecer uma relação genealógica directa com os Musseques contemporâneos, esta referência permite reconhecer historicamente outras relações possíveis entre habitação, limite e espaço de circulação no território angolano.

No Catambor, esta relação manifesta-se através das ruas perimetrais³. Os espaços que bordeiam as Unidades Morfológicas, quando articulados com os das unidades vizinhas, constituem uma rede de circulação. As ruas resultantes são maioritariamente sinuosas, apresentam larguras variáveis e podem integrar segmentos com características distintas; as suas intersecções dependem da própria disposição das Unidades Morfológicas.

A observação do Catambor permite, deste modo, inverter a sequência convencional de leitura. Se em determinados tecidos o traçado antecede e orienta a ocupação, neste caso a formação pode ser sintetizada como sistema habitacional → agregação → Unidade Morfológica → espaço intersticial → rua perimetral → rede. Uma vez consolidada, a rua organiza circulações e articula diferentes partes do tecido; o que se altera é a compreensão da sua génese morfológica. No Catambor, a rua não antecede a casa: emerge

das relações espaciais produzidas pela agregação dos sistemas habitacionais

A rua como forma e como espaço vivido

Compreender a génese das ruas perimetrais não é suficiente para explicar o seu papel no tecido do Catambor. Uma vez constituídas, estas ruas apresentam características distintas e suportam diferentes formas de circulação, acesso, permanência e apropriação. A sua caracterização considerou, por isso, três aspectos complementares — dimensão, movimento e desempenho — relacionando a configuração física dos segmentos com as práticas que neles ocorrem e com a relação estabelecida entre rua e sistemas habitacionais.

A dimensão, determinada pela largura predominante e pela extensão, condiciona as possibilidades de movimento. Os segmentos mais estreitos são predominantemente pedonais, enquanto os intermédios permitem a coexistência entre peões e automóveis; nos espaços mais largos, a circulação de automóvel coexiste com actividades que condicionam a utilização da rua exclusivamente como canal de movimento. Paralelamente, desenvolve-se uma mobilidade de acesso ao interior das Unidades Morfológicas, através de corredores articulados com logradouros e outros espaços interiores. Esta rede capilar estabelece uma transição gradual entre o público e o privado, condição que encontra paralelo na observação de Bianca (2000) sobre os sucessivos graus de privacidade nos acessos aos domínios residenciais da cidade islâmica tradicional. Embora correspondam a contextos distintos, a aproximação permite reconhecer a importância dos espaços intermédios na relação entre rua e habitação.

Esta condição aproxima-se igualmente da leitura de DaMatta (1997), para quem casa e rua ultrapassam a condição de espaços físicos mensuráveis e constituem categorias sociológicas associadas a diferentes relações e práticas sociais. No Catambor, corredores, logradouros e espaços adjacentes às habitações estabelecem transições nas quais práticas domésticas e comunitárias se prolongam para o exterior.

O desempenho foi analisado através da permanência e da permeabilidade. A

permanência pode assumir uma dimensão material, relacionada com as condições objectivas que possibilitam a fixação das pessoas, ou simbólica, associada à identificação e pertença a determinado lugar (Santos, 2009). Os largos constituem espaços privilegiados dessa permanência, acolhendo chafarizes, espaços religiosos, comércio e outras actividades colectivas. O Largo da OMA, por exemplo, permanece como referência para os residentes mesmo após a desactivação do chafariz que anteriormente constituía um dos seus principais elementos.

A permanência manifesta-se também através da apropriação quotidiana do espaço público (Mendonça, 2007). Um exemplo particularmente expressivo é a Rua dos Candeeiros, cuja designação decorre da utilização nocturna por *kitandas*⁴, cujas lamparinas iluminavam individualmente os pontos de venda, transformando temporariamente a rua num mercado ao ar livre.

A permeabilidade, por sua vez, traduz o modo como a ocupação estabelece contacto com a rua através de fachadas, muros, cercas, portas

e acessos. Os segmentos mais estreitos apresentam predominantemente fachadas cegas e menor permeabilidade, enquanto nos segmentos intermédios e mais largos aumenta a relação directa entre habitação, actividades e espaço exterior. A articulação entre estas características e as variáveis de dimensão e movimento permitiu agrupar os segmentos observados em três tipos — A, B e C (Mingas, 2024).

As Figuras 3 e 4 sintetizam a relação entre configuração espacial, mobilidade, acessos, permanência e permeabilidade, evitando que a classificação se reduza à largura ou à geometria dos segmentos. A rua do Catambor pode, assim, ser compreendida simultaneamente como forma e espaço vivido: resulta materialmente dos limites produzidos pela agregação dos sistemas habitacionais, mas adquire significado urbano através das práticas que nela ocorrem. Circulação, acesso, comércio, encontro e permanência coexistem ou sucedem-se no mesmo espaço, fazendo da rua uma interface entre casa e comunidade, público e privado, forma construída e apropriação social.

Aspectos Morfológicos	Qualidade	Tipo A	Tipo B	Tipo C
Dimensão	Largura predominante	1,20m < RA < 3m	Superior a 3m (RB > 3m)	0,6m < RC < 1,20
	Extensão circunjacente	Variável 30 a 90m	Variável 50 a 120m	Variável 30 a 70m
Movimento	Mobilidade (fluxos)	Pedonal e Automóvel	Mista	Pedonal
	Permeabilidade predominante	Habitação	Hab./Com/Ser.	Irrelevante
Desempenho	Permanência	Familiar	Comercial/Serviços	(...)
	Acesso	Corredor/Logradouro	Corredor/Logradouro	Corredor/Logradouro

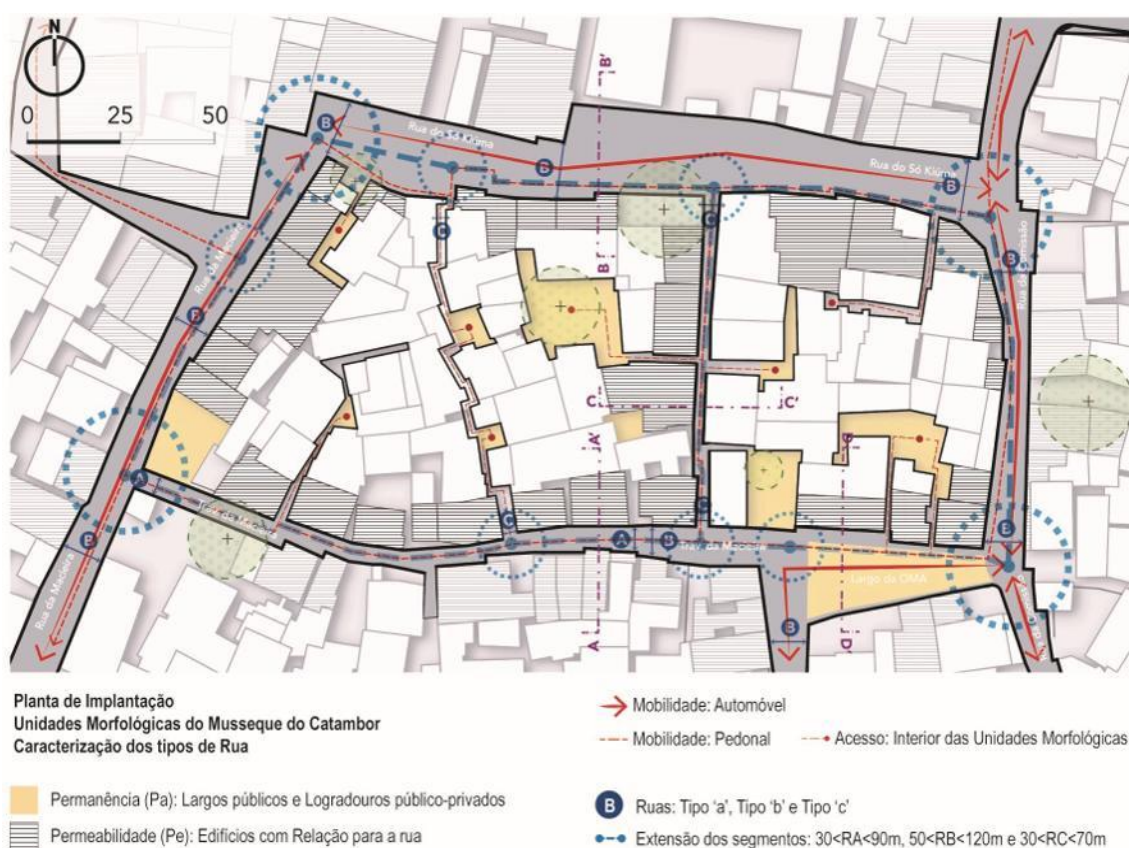
Figura 3. Caracterização tipológica das ruas (fonte: Mingas, 2024)

O que os Musseques podem acrescentar à Morfologia Urbana

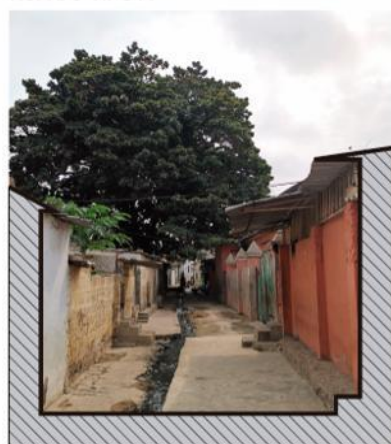
O estudo dos Musseques históricos de Luanda sugere que o seu contributo para a Morfologia Urbana não reside apenas na identificação de uma configuração particular de tecido ou de uma tipologia específica de ruas. Coloca uma questão mais ampla: até que ponto os instrumentos conceptuais utilizados para estudar a forma urbana são capazes de reconhecer processos de formação da cidade que não resultam de uma operação urbanística prévia? Se a forma urbana corresponde ao modo como os seus elementos se organizam e se relacionam (Lamas, 2004), a ausência de correspondência imediata com determinadas

categorias não pode ser entendida como ausência de forma.

Uma primeira consequência relaciona-se com a sequência de formação dos elementos morfológicos. No Catambor, a relação entre sistema habitacional, Unidade Morfológica e rua demonstra que estes elementos não surgem necessariamente segundo uma ordem universal. A rua pode anteceder e estruturar a ocupação, mas pode também resultar da progressiva agregação e consolidação dos sistemas habitacionais. Neste último caso, uma vez constituída, passa a desempenhar funções de circulação, acesso, articulação e permanência. A distinção entre génese e desempenho torna-se, assim, fundamental para a interpretação morfológica.



RUA DO TIPO A



SECÇÃO AA - Trav. da Macieira >1.20m<3.00m

DIMENSÕES:
Comprimento Circunjacente (CC): 122m
Largura Predominante (LP): 2.80m

MOVIMENTO:
Mobilidade (M): Pedonal
Acessos: 4

DESEMPENHO:
Permanência (Pe): Largo da OMA
Permeabilidade (Pa): 23 de 25 Edif.

RUA DO TIPO B



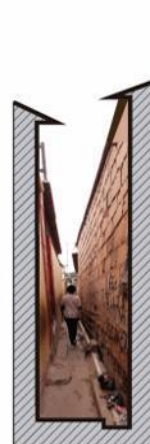
SECÇÃO BB - Rua do Só Kiúma >3,00m

DIMENSÕES:
Comprimento Circunjacente (CC): 91m
Largura Predominante (LP): 8m

MOVIMENTO:
Mobilidade (M): Pedonal e Automóvel
Acessos: 3

DESEMPENHO:
Permanência (Pa): --
Permeabilidade (Pe): 14 de 20 Edif.

RUA DO TIPO C



SECCÃO CC - >1.20m

DIMENSÕES:
CC: 51m
LP: 1.20m

MOVIMENTO:
M: Pedonal
Acessos: 4

DESEMPENHO:
Pa: --
Pe: 3 de 10 Edif.

Figura 4. Análise às ruas do Musseque do Catambor. Funcionamento, levantamento e identificação das tipologias de ruas identificadas e respectivas características e cortes de ruas dos tipos A, B e C (fonte: Mingas, 2024)

Uma segunda consequência diz respeito às próprias categorias de análise. A tradição morfológica, designadamente através da leitura dos processos de formação e transformação dos tipos e tecidos proposta por Muratori (1959), oferece instrumentos para compreender a cidade a partir das relações entre as suas partes. O confronto destes instrumentos com os Musseques não implica rejeitá-los, mas utilizá-los criticamente. A Unidade Morfológica e a rua perimetral não são propostas como substitutos universais do quarteirão ou da rua, mas como construções analíticas decorrentes da necessidade de tornar legíveis relações espaciais que as categorias inicialmente utilizadas não explicavam integralmente.

Uma terceira consequência refere-se ao próprio reconhecimento dos Musseques enquanto objectos de conhecimento. Quando observados predominantemente através da informalidade, precariedade ou défice de infra-estruturas, existe o risco de estes territórios serem interpretados sobretudo pelo que lhes falta relativamente à cidade formal. A leitura morfológica desenvolvida aponta noutra direcção: a ausência de planeamento urbanístico prévio não corresponde à ausência de organização espacial. Sistemas habitacionais agregam-se, estabelecem limites, constituem unidades reconhecíveis e participam na produção dos espaços de circulação, enquanto as práticas quotidianas atribuem a esses espaços funções e significados que se transformam no tempo.

As relações entre casa, rua e práticas sociais, discutidas por DaMatta (1997), e as formas de apropriação do espaço público abordadas por Mendonça (2007) ajudam a compreender que estas dimensões sociais não são exteriores à forma urbana. No Catambor, manifestam-se nos acessos, na permeabilidade dos limites, nos espaços de permanência e nas diferentes utilizações das ruas, participando na configuração e no desempenho do tecido.

As relações identificadas no Catambor não devem, contudo, ser automaticamente generalizadas aos restantes Musseques de Luanda ou a outros contextos urbanos. O caso permite antes formular hipóteses e instrumentos de leitura a testar noutros territórios, reconhecendo que diferentes processos históricos, sociais e espaciais

podem produzir diferentes relações entre os elementos da forma.

Neste sentido, estudar os Musseques significa também reconhecê-los como lugares de produção de conhecimento sobre a cidade. O seu contributo para a Morfologia Urbana poderá não estar apenas em acrescentar mais um tipo de tecido às classificações existentes, mas em demonstrar que diferentes processos de urbanização produzem diferentes relações entre os elementos que constituem a forma urbana. No Catambor, esta possibilidade torna-se particularmente evidente: quando a rua não antecede a casa, é a própria ordem através da qual pensamos a formação da cidade que necessita de ser reconsiderada.

Notas

¹ Neste texto, Musseque designa áreas urbanas de Luanda historicamente associadas aos bairros populares e, contemporaneamente, frequentemente enquadradas como assentamentos informais. Por *Musseques históricos* entende-se o conjunto de 20 zonas urbanas identificadas por Troufa Real como constituintes dos Musseques de Luanda no final do período colonial. Cf. Troufa Real, 2011.

² No âmbito desta investigação, as Unidades Morfológicas correspondem a conjuntos de elementos edificados e não edificados que configuram um ou mais sistemas de ocupação predominantemente habitacional, circundados por vias que percorrem o seu perímetro e delimitados por edifícios, muros ou outros elementos de fechamento.

³ Designação proposta no âmbito da investigação para as ruas constituídas pelos espaços públicos circunjacentes às Unidades Morfológicas. A rua perimetral pode integrar vários segmentos, delimitados pelas intersecções com outros segmentos da rede e apresentar, ao longo do percurso, diferentes larguras, movimentos e desempenhos.

⁴ *Kitanda*, do Kimbundu: posto de venda de géneros frescos; mercado; feira; aquilo que é susceptível de venda ambulante. Cf. Assis Júnior, 1923, p. 145.

Referências

Assis Júnior, A. de (1923) *Dicionário kimbundu-português: linguístico, botânico*,

histórico e corográfico (Argente, Santos & C.^a Lda, Luanda).

Bianca, S. (2000) *Urban form in the arab world: past and present* (vdf Hochschulverlag AG an der ETH Zürich, Zürich).

Coelho, C. D. (2013) *Cadernos de morfologia urbana: os elementos urbanos* (Argumentum, Lisboa).

Correia, M. A. (2018) “O modelo do urbanismo e da arquitetura do movimento moderno - Luanda 1950/1975”.

Tese de Doutorado publicada, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-18012019-094308/pt-br.html>

DaMatta, R. (1997) *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, 5ª edição (Editora Rocco, Rio de Janeiro).

Deleuze, G. e Guattari, F. (2000) *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, V. 1. (Editora 34, São Paulo).

Lamas, J. M. R. G. (2004) *Morfologia urbana e desenho da cidade*, 3. ed. (Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa).

Máximo, B. P. (2016) “Um Lugar entre dois mundos: paisagem de Mbanza Kongo”, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/7113>

1/tde-20072017-151820/publico/BrunoPastreMaximo.pdf

Mendonça, E. M. S. (2007) “Apropriações do espaço público: alguns conceitos”. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* 7, n. 2.

Mingas, Â. (2024) *Os signos espaciais do musseque*, Tese de Doutorado em Urbanismo publicada, Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa, Lisboa.

Muratori, S. (1959) *Studi per una operante storia urbana di Venezia* (Istituto Poligrafico dello Stato, Roma).

Redinha, J. (1973) *A habitação tradicional angolana: aspectos da sua evolução*. 2. ed. (CITA — Estudo de Turismo e Publicidade, Luanda).

Santos, D. B. R. (2009) “Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa”, Tese de Doutorado publicada, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11778/1/Tese%20%20Dyane%20Santos.pdf>

Troufa Real, J. (2011) *The musseques of Luanda – Housing in Angola: a new neighbourhood “Golfe I”, 1972–1981*. (Sinapis Editores, Óbidos).
<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-20072017-151820/publico/BrunoPastreMaximo.pdf>

Editoras responsáveis pela submissão: Eneida Maria Souza Mendonça, Michela Sagrillo Pegoretti.
Editor assistente: Vitor de Toledo Nascimento. Editora de texto: Linda Emiko Kogure.

Licenciado sob uma licença Creative Commons.

